

A força do apelo do rosto Lévinasiano em contextos organizacionais marcados pela abertura à diferença^[1]

The potency of the appeal of the Lévinasian face in organizational contexts marked by openness to difference

RESUMO

Nosso intuito neste texto é elaborar uma reflexão que possa mostrar como o enigma configurado pela proximidade do outro, do diferente, pode perturbar e afetar ambientes organizacionais frequentemente hierarquizados e desiguais. A partir de estudo de caso do programa de Trainee exclusivo para pessoas negras colocado em prática pelo Magazine Luiza, investigamos como as ações de Luiza Trajano demonstram uma tensão entre a escuta do Rosto (Lévinas, Han, Ribeiro) e a reprodução de estratégias e ideologias neoliberais. De um lado, o eu-corpo da liderança feminina se constitui como uma "existência para outrem", assumindo responsabilidade ética. De outro, a presença de 19 pessoas negras na empresa aproxima corporeidades que são tensionadas na disputa por um lugar de destaque em uma empresa assentada no capitalismo neoliberal. Argumentamos que é justamente esse conflito que interpelar as organizações a questionarem as lógicas de dominação, apagamento e morte que perpetuam a agonia do eros.

Palavras-chave: Eros; rosto; responsabilidade ética; Magazine Luiza; Trainee para pessoas negras

ABSTRACT

The aim of this text is to develop a reflection that can show how the enigma configured by the proximity of the other, the different, can disturb and affect organizational environments that are often hierarchical and unequal. Based on a case study of the exclusive Trainee program for black people put into practice by Magazine Luiza, we investigated how Luiza Trajano's actions demonstrate a tension between listening to the Face (Lévinas, Han, Ribeiro) and the reproduction of neoliberal strategies and ideologies. On the one hand, the self-body of the female leader is constituted as an "existence for others", assuming ethical responsibility. On the other hand, the presence of 19 black people in the company brings together corporeality that is tensioned in the dispute for a prominent place in a company based on neoliberal capitalism. We argue that it is precisely this conflict that challenges organizations to question the logics of domination, invisibility and death that perpetuate the agony of eros.

Keywords: Eros; face; ethical responsibility; Magazine Luiza; Trainee for black people

ÂNGELA MARQUES

Doutora em Comunicação Social pela UFMG. Professora do Departamento de Pós-Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
angelasalgueiro@gmail.com

FREDERICO VIEIRA

Doutor em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais.
frederico.vieira.souza@gmail.com

INTRODUÇÃO

A inquietação da qual parte a escrita deste texto tenta aproximar a filosofia de Emanuel Lévinas, especialmente a noção de rosto, com alguns acontecimentos que marcam realidades organizacionais que reduzem a complexidade do processo de encontro radical com a alteridade a meros arranjos institucionais tidos como “inclusivos”.

Lévinas nos apresenta uma perspectiva desafiadora acerca da alteridade radical, a chegada do “estranho” que nos retira de nossa interioridade para respondermos responsabilmente à demanda do outro que nos interpela. O outro traz diante de nós um chamado, uma exterioridade radical que coloca em questão a soberania absoluta do “eu” e de sua autoridade. Além disso, o enigma do rosto em Lévinas se relaciona a alguns gestos ético-políticos específicos, que configuram uma dimensão “erótica”: abertura ao outro, desapropriação ou desposseção de si e elaboração de uma resposta à demanda feita pelo rosto. O eros recusa a apropriação que nega a diferença e a singularidade (Lévinas, 1999; Han, 2017), oferecendo a capacidade de permanecermos abertos à chegada do outro, colocando a responsabilidade pelo outro antes de si mesmo.

Gostaríamos de explorar algumas dessas questões da filosofia leviansiana à luz de alguns acontecimentos que se desdobraram a partir de 2020 no contexto de decisões tomadas pela organização Magazine Luiza, ainda no período da pandemia de Covid-19. No ano de 2020, a presidente do conselho de administração do Magazine Luiza, [Luiza Helena Trajano \(uma das maiores empresárias do país\)](#), junto com o CEO da empresa, Frederico Trajano, decidiram implementar um programa de trainees exclusivamente para pessoas negras. O programa nasceu da parceria das consultorias “Indique Uma Preta”, 99 Jobs, Instituto Identidades do Brasil (ID_BR), Faculdade Zumbi dos Palmares e “Comitê de Igualdade Racial do Mulheres do Brasil”.

A ação também partiu de muitas pesquisas e conversas internas, que visavam ampliar o número de pessoas negras em cargos de liderança dentro da empresa, visto que mais de 50% dos colaboradores era, naquele momento, representado por pessoas negras, mas apenas 16% entre eles ocupavam postos de gestão. O programa de trainee, destinado então a ampliar a inserção de profissionais negros em postos de liderança na companhia, foi ampla e arduamente criticado por vários setores sociais, jurídicos e institucionais no país. “Por exemplo, [um defensor foi à Justiça contra programa de trainee para negros e pediu R\\$ 10 milhões por danos morais](#)” (O Globo).

O programa de trainee foi realizado, tendo recebido mais de 22 mil inscrições de pessoas negras de todo o Brasil. Em outubro de 2020, Luiza Trajano foi convidada a participar do Programa “Roda Viva” e relembrou essa iniciativa^[2]. Ela mencionou que a empresa tinha ações para captar trainees, mas que “não apareciam candidados negros, pois a partida era muito desigual”^[3]. Luiza salienta

que o objetivo era alterar uma realidade interna da Magalu, mas que os debates em redes sociais e em esferas públicas mais amplas fez com que a questão da desigualdade racial fosse tematizada e problematizada para além do contexto da organização. Luiza traz o seguinte depoimento:

Criou uma polêmica que procurei entender e discutir com nosso comitê, pois temos que entender mais o que é o racismo estrutural. O dia que eu entendi, eu até chorei, porque eu sempre achei que eu não era racista... Nos meus aniversários, nas comemorações, não tinham mulheres negras... Nós temos que educar: o que é o racismo estrutural? Ele existe de forma inconsciente nas pessoas, acompanhado da agressividade que se manifesta sobretudo nas redes sociais. [...] O programa de trainee é para chegar a cargos de liderança e isso parece ser inaceitável para algumas pessoas. [...] As empresas precisam ter compromisso em enfrentar a desigualdade social, como propósito, como capitalismo consciente. (Luiza Trajano, Roda Vida, 05/10/20).

Alguns aspectos desse depoimento nos chamam a atenção e serão retomados mais adiante como forma de organizar nosso argumento neste artigo. Ressaltamos que a polêmica em torno dessa decisão do Magazine Luiza repercutiu e ainda repercute nos debates sobre racismo e necrobiopolítica (Bento, 2018) no Brasil. Três anos depois, em maio de 2023, o programa de Trainee foi lembrado pela mídia quando Luiza Trajano participou seminário na sede do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), no centro do Rio de Janeiro. O evento teve como tema o “Empoderamento Negro para Transformação da Economia” e, em seu depoimento, Luiza defendeu políticas públicas, como a Lei de Cotas, para ampliar ações de **igualdade racial** no país e a diversidade racial dentro das empresas. Segundo ela, as cotas são processos transitórios para reduzir desigualdades vindas desde o período escravocrata.

Já tive dúvidas sobre a eficácia das cotas. Mas precisamos entender que é uma medida transitória, para reduzir as desigualdades. “Cota é uma das coisas melhores depois de quase 400 anos de escravidão que tivemos no país”, disse Trajano. “A desigualdade, seja ela social ou racista, é um câncer para a sociedade”. “Uma coisa que resolve mesmo é política pública, olha o que Lei de Cotas mudou”, afirmou a empresária em outro momento. (Luiza, in Geledés)

As entrevistas concedidas por Luiza reafirmam que sua defesa da política de cotas trouxe para ela e para sua empresa uma exposição à injúria, à depreciação e à desfiguração, sobretudo nas redes sociais. Sobre o programa de trainee iniciado em 2020, ela comenta uma reação na qual “Foram 72 horas da maior paulada, e olha que tomo paulada, que já tomei na vida. Eu e o Magazine. Criaram qualquer tipo de discriminação que nem existia. [...] A gente aguentou firme, e depois apareceram 22 mil pessoas”.

Ao analisarmos as respostas que Luiza Trajano oferece às entrevistadoras do “Roda Vida”, juntamente com as narrativas e relatos de si presentes no vídeo “Legado” (dirigido por Alex Buck junto à “Na lata filmes”) produzido com os 19 trainees selecionados pela empresa, acreditamos

ser possível construir uma reflexão sobre esse caso a partir do pensamento de Emmanuel Lévinas. Nossa abordagem mostra como Luiza Trajano redefine a maneira como a organização se endereça a seus públicos, com o objetivo de reconhecer a vulnerabilidade de pessoas negras, expondo-se em um processo de interpelação que visa responder ao Rosto, à demanda coletiva por justiça.

Por mais que também possamos argumentar que Luiza Trajano investe em um “império” varejista pautado pela inovação constante, pelo espraiamento das vendas via plataformas digitais e pela elaboração de ações estratégicas que associam responsabilidade ética à sua marca, o programa de Trainee expressa um movimento em prol do cuidado e da diversidade. Suas ações práticas evidenciam o papel da liderança feminina em ambientes sexistas e competitivos, além de pautar debates acerca do racismo e da exploração da mão-de-obra no mundo do trabalho neoliberal.

O programa de Trainee para pessoas negras foi amplamente questionado na Justiça como prática ilegítima e discriminatória^[4]. Políticas afirmativas, segundo a empresária, “são transitórias e visam combater as condições de desigualdade”^[5] que oferecem obstáculos à emancipação de grupos sistematicamente injustiçados. O programa, assim, enuncia seus objetivos reparatórios, mas nenhuma fase de sua implementação convoca a um questionamento mais amplo acerca da dimensão social e institucional das desigualdades.

Byung Chul Han (2017) descreve como, nas sociedades neoliberais, os regimes mercadológicos vão igualando todas as diferenças e naturalizando a ideia de que basta uma ampla oferta de oportunidades para que as assimetrias sejam tratadas. Contudo, essa racionalidade competitiva, acentua a ideologia meritocrática e faz com que percamos o contato com a experiência da alteridade. Han (2017) salienta que a valorização da meritocracia alimenta o narcisismo, a tendência à exaltação da própria individualidade, amplificando uma cultura na qual a escuta é substituída pelo fechamento do jogo que projeta o sujeito para fora de si mesmo. Convocando a ética de Lévinas, Han menciona que os vínculos que nos enredam deveriam se contrapor às tendências de fechamento do sujeito sobre si mesmo. Mas, como garantir que programas de inclusão não apenas restaurem o jogo de abertura às diferenças, mas também ofereçam a chance de reconfigurar os quadros institucionais que orientam atos e práticas discriminatórias e individualistas?

Nilo Ribeiro (2019) comenta que “pensar e agir outramente” significa mover-se na direção de um desencantamento da necrofilia contemporânea, isto é, de um movimento contrário a essa espécie de cultivo da pulsão de morte – instigada pelas antinomias – e deixar que se aproximem os desiguais, os diferentes; de dar vazão à assimetria e à diacronia instauradas pela irrupção do outro quando da relação com ele. Isso supõe, portanto, fazer com que o sentido ético da proximidade enquanto *pathos* presida todos os outros sentidos.

Na primeira parte do texto, tematizamos o processo de configuração do enigma do rosto apresentado diante dos responsáveis pelo Magazine Luiza. Houve uma interrupção do “eu” e uma desarticulação de sua interioridade e de seu pretensível lugar estável no mundo: Luiza evidencia que sua posição foi colocada à prova. A nosso ver, é absolutamente instigante a proposição feita por Lévinas de que o encontro com o outro se dá sob a forma de uma desarticulação de nossa interioridade a partir do momento em que o outro manifesta a si mesmo diante de nós, preservando sua radical singularidade. O modo como o outro se manifesta diante de nós, como conseguimos ouvi-lo, não pode ser apreendido pelo conceito, por nossa tentativa de reduzi-lo a um padrão conhecido de julgamento, uma vez que a razão suprime a alteridade do interlocutor e do falante.

Na segunda parte do texto, trazemos a abordagem que Lévinas elabora sobre a questão do feminino, evidenciando o gesto incansável de Luiza Trajano em colocar-se à disposição daqueles que precisam como se fossem “filhos que precisam de apoio”. O feminino aqui não se confunde com papéis de gênero ou mesmo com a presença física da mulher, mas remete a figuras que promovem acolhimento e hospitalidade. Derrida (2004) enxerga em Lévinas a ampliação do feminino para além da mulher, amplificando as proposições Lévinasianas do feminino como abertura à alteridade. Lévinas faz do feminino uma figura privilegiada da ética e da alteridade. Derrida partirá desse pensamento do feminino para pensar em hospitalidade incondicional, radicalizando essa ideia de abertura ao outro.

Também tentamos tematizar, a partir do diálogo entre Byung Chul Han e Lévinas, a “agonia do eros”, ou seja, as dificuldades em colocar em prática a abertura ao rosto do outro em uma sociedade pautada pela violência, pela necropolítica e pelo racismo. De um lado, como nos diz Han (2017, p.34), “o eros desperta diante do rosto”, “que preserva uma distância adequada do outro” (p.28). Ver o rosto é escutá-lo e responder a ele: essa relação erótica permite a abertura do eu para o mundo, na medida em que um “estranho se fixa entre mim e meu ego, permitindo-me escapar de minha alma narcisista” (Han, 2017, p.39). Contudo, como alterar condições de vulnerabilidade constantemente acentuadas pela recusa à exposição e à hospitalidade?

O caso do programa de trainee colocado em prática pelo Magazine Luiza nos auxilia a pensar em como, diante da interpelação do Rosto, o eu-corpo das lideranças se constitui como uma “existência para outrem” cuja expressão sensível-corporal é dada na imediação da carne-hospitalidade (Lévinas, 1988, p. 138), isto é, um corpo ético como corpo-responsabilidade por outrem. Existe uma corporeidade nessa relação vulnerável de responsabilidade que precisa ser tematizada, sobretudo por se tratar de colocar em relação corpos negros e brancos, tensionados na disputa por um lugar de destaque em uma empresa assentada no capitalismo neoliberal.

Nosso intuito neste texto é elaborar uma reflexão acerca de como o enigma configurado pela proximidade do outro pode nos perturbar e nos afetar de maneira a sermos transformados

e, conseqüentemente, transformar ambientes organizacionais frequentemente hierarquizados e desiguais. Ressaltamos que a relação enigmática não é desencarnada, mas diz respeito a materialidades e corporeidades atravessadas por dispositivos interseccionais que nos expõem. Ao escutarmos os relatos dos 19 trainees, mulheres e homens negros selecionados pelo Magazine Luiza, acreditamos que as imagens e relatos, unidos à reflexão de Lévinas, permitem instaurar espacialidades e temporalidades outras de escuta da voz de um Rosto, “favorecendo a aproximação do corpo de um terceiro, ambos a nos interpelar em tempos sombrios de (bio) política e (necro)política que avassalam nossas sociedades e democracias” (Ribeiro, 2021, p.110).

ENIGMA: INTERRUPTÃO E DESARTICULAÇÃO DA INTERIORIDADE

As matérias de jornais dedicadas à polêmica causada pelo programa de trainee do Magazine Luiza ressaltavam que a empresa já investia no recrutamento de trainees há mais de 15 anos. Contudo, Luiza e Frederico Trajano, CEO do Magalu, enfatizavam que “apareciam poucos candidatos negros, a despeito de uma intencionalidade e de um investimento”. Como forma de alterar esse quadro e alterar as condições de entrada e de permanência de pessoas negras em cargos mais altos dentro da empresa, o CEO propôs uma seleção exclusiva para pessoas negras:

Então o Fred teve a ideia do trainee para negros, mas sem a aspiração de servir de exemplo ou de resolver o racismo no Brasil. Nada disso. Era uma medida concreta pra corrigir uma distorção interna nossa. Era algo no espírito de ‘vamos começar a resolver o nosso problema’. (Luiza, Geledés)

A busca por profissionais que seriam avaliados de perto “pela alta liderança” da empresa atraiu mais de 22 mil candidatos inscritos e teve 19 trainees selecionados. Paralelamente ao programa, a empresa criou uma espécie de consultoria interna formada por funcionários negros para validar iniciativas, posicionamentos e políticas de inclusão da empresa, estabeleceu metas de contratação de negros para posições de liderança e definiu uma política de promoção que incentiva a diversidade, entre outras ações. A maneira como o processo acendeu o debate público em espaços virtuais do Brasil e do exterior chamou a atenção pelo teor das críticas a ele direcionadas:

Aconteceram três ondas que já prevíamos: houve primeiro o questionamento da legalidade, e tínhamos argumento para ele, pois estávamos muito bem amparados juridicamente. Depois veio o questionamento do ‘racismo reverso’ e depois veio o da ‘lactação’, mas para tudo isso a gente tinha uma resposta clara. A gente tinha

um problema na empresa e estava buscando uma solução (Ana Luiza Herzog, gerente corporativa de Reputação e Sustentabilidade do Magalu)

O gesto ético e político do Magazine Luiza, em um contexto e um momento em que o Brasil vivenciava a pandemia de Covid-19 e uma política governamental que trabalhava para causar a morte daqueles considerados como “não enlutáveis”, ativa não apenas a reflexão de outras empresas, mas também reapresenta o desafio da responsabilidade ética diante do encontro com a vulnerabilidade e com o enigma de experiências diferentes daquelas já conhecidas.

O encontro enigmático requer que o outro não seja conhecido pelo Dito, pela representação, mas respondido no Dizer, através do apelo que nos demanda e sanciona nosso poder de agir e ser. É como se, através do enigma, o outro interrompesse o jogo de sua redução ao mesmo. Ao mesmo tempo em que a exterioridade se apresenta, a interioridade se forma: o eu é aberto e constituído pelo outro.

O encontro ético com o outro interrompe a tendência do self de conceber o mundo como espaço de poder. Interrompe o jogo da redução ao mesmo. Tal encontro instaura uma “relação sem relação”, na qual o outro não é nomeado, ele é invocado. A visão não prevalece no encontro com o rosto, pois ela é uma forma violenta de relação com o outro, imobiliza seu sujeito/objeto como tema (Rae, 2016; Vieira; Marques, 2016). A visão falha em fazer justiça ao outro. Como explica Lévinas (1993, 2011), o ser (existente) toma forma através de uma “certa relação” com a existência, assume sua existência, a determina a partir do dizer do rosto. Ou seja, a relação com o outro não se dá pelo conhecimento, pela representação, pelo dito. Contrariamente, é no dizer que a alteridade exerce uma força sobre o eu, um distúrbio, uma desestabilização em sua infinita e irrepresentável emergência. E o “eu” não é determinado pelo outro, mas aberto para uma transcendência pela qual significa, para além de si e sustenta o peso de totalidade em sua responsabilidade (Carrara, 2010; Marques; Martino; Chardel, 2019).

O rosto interpela, inicia um movimento de transcendência, dá origem ao processo que torna a vida de um sujeito sua, tornando-se ele existente: ele se impõe, quebra uma continuidade, começa desvencilhando-se da totalidade e abrindo-se ao infinito. Enquanto o dito promove um movimento contínuo de insistência, a temporalidade instaurada no encontro com o rosto articula a relação entre o existente e a existência, promovendo a transcendência (Lévinas, 2011).

A transcendência é descrita por Lévinas (1999, 1980, 2011, 1987) como a abertura do ser para não ser possuído por si mesmo, como desposseção. Como evidenciamos, o enigma do rosto dá origem a um movimento provocado pela alteridade radical, abrindo no tempo uma fresta “inapropriada” (por vezes até indesejada pela interioridade) e que pode dar origem à experiência. Tal experiência, segundo a leitura que Derrida (2004, 2005) faz de Lévinas é de hospitalidade, e pode ser indicada como a presença do feminino em nossa existência.

O enigma interrompe a tendência de ordenar a ordem, perturba toda totalidade e permite a emergência da responsabilidade por outrem, favorecendo a ligação entre a ética e a justiça (Lévinas, 1987). Enquanto buscamos a universalidade da justiça, o outro desestabiliza nossa perseverança e insistência em permanecermos em ser nós mesmos. Assim, a socialidade está no centro da reflexão de Lévinas (2011, 1996): da ética à justiça, da singularidade à universalidade, da resposta dada ao outro à responsabilidade por ele - como construir passagens comunicativas entre os indivíduos e seus universos, seus contextos, suas formas de vida? Lévinas (1980, 1999) nos ensina um caminho possível - e afetivamente muito difícil - para a fraternidade e para a inquietação constante por aquele estrangeiro que de nós se aproxima. O enigma perturba o ser pela proximidade; requer uma tessitura simultânea da singularidade com a pluralidade; e demanda uma maneira de escapar à simetria, à hierarquia e à ordenação racional dos seres e do mundo.

O enigma do outro pode ser interpretado como o momento de desarticulação da totalidade que nos encerra em nós mesmos a partir de uma demanda que nos é apresentada pela alteridade radical (Lévinas, 1987). Essa ruptura com nossa interioridade é descrita por Lévinas como um chamado à responsabilidade ética que introduz descontinuidade no processo do ser desejar se fechar em si mesmo como interioridade. Assim, o enigma seria a desarticulação e a desposseção do ser de sua totalidade, interrompendo o jogo de poder ontológico da consciência.

Essa maneira que o outro possui de buscar meu reconhecimento enquanto preserva sua singularidade, desdenhando o recurso à imediaticidade do conhecimento ou da cumplicidade, essa forma de manifestar-se sem se manifestar chamamos de enigma - voltando à etimologia desse termo Grego (que significa algo obscuro ou equívoco), e contrastando-o com o aparecimento indiscreto e vitorioso de um fenômeno... Um enigma não é uma simples ambiguidade na qual dois significados possuem chances iguais e a mesma luz. Em um enigma, o significado exorbitante está de antemão apagado em sua aparição (LÉVINAS, 1987, p.66).

A experiência disruptiva de desarticulação trazida pelo enigma do outro não pode ter um significado atribuído pelo conceito. A ruptura ocorre justamente pela (i)mediaticidade do contato com o rosto do outro. Em outros trabalhos (Vieira; Marques, 2016; Martino; Marques, 2019b; Marques; Vieira, 2018a e b) apresentamos e discutimos de maneira mais detida o conceito de rosto em Lévinas. Em *Totalidade e Infinito*, na seção intitulada "Rosto e Sensibilidade", Lévinas nos esclarece o seguinte:

O rosto recusa-se à posse, aos meus poderes. Na sua epifania, na expressão, o sensível ainda captável transmuda-se em resistência total à apreensão. [...] O rosto, ainda coisa entre as coisas, atravessa a forma que, entretanto, o delimita. O que quer dizer concretamente: o rosto fala-me e convida-me assim a uma relação sem paralelo com um poder que se exerce, quer seja fruição quer seja conhecimento (2000, p.176).

Duas indicações feitas nesse trecho merecem nossa atenção: primeiro, o fato de que o rosto não pode ser apreendido pela racionalidade dos conceitos e das representações. E, segundo, o fato de que, mesmo inapreensível, o rosto fala, elabora uma demanda, instaura um dizer e nos convida a uma relação que não pode ser aquela do conhecimento, da posse, da redução do rosto àquilo já sabido, já hierarquizado pelo sentido do familiar (Rae, 2016). Portanto, o rosto do homem, ou do *outro homem*, guarda tal dimensão de alteridade que excede toda a descrição. Não se trata de descrevê-lo a partir da percepção dos seus detalhes físicos; interpretá-lo desta maneira é ignorar o seu significado – ele, o rosto, convida-me, vulneravelmente, de pronto, a pôr-me em relação com aquilo que o conhecimento conceitual não sabe, ou não pode, transmitir: a distância invisível e infinita da alteridade (Marques; Vieira, 2018a e b).

O rosto fala, ele se endereça a nós e nos convida a elaborar uma resposta. A relação com o rosto é discursiva, mas não nos moldes de uma troca argumentativa ou de um debate que requer construção justificada de pontos de vista. A exterioridade do rosto primeiro abala a interioridade de quem o escuta. Por essa via, o eu e o outro surgem juntos: a subjetividade surge como parceira do enigma. Visto por Lévinas como a “transcendência que perturba o ser”, o enigma do rosto é a única coisa que nos permite a existência.

[...] o enigma diz respeito particularmente à subjetividade, que sozinha pode reter sua insinuação, essa insinuação é tão rapidamente contradita quando alguém procura comunicá-la, que essa exclusividade assume o sentido de uma convocação que primeiro ergue esse ser como subjetividade. Convocado a aparecer, chamada a uma responsabilidade inalienável – enquanto o desvelamento do ser ocorre aberto à universalidade – a subjetividade é a parceira do enigma, parceira da transcendência que perturba o ser. (Lévinas, 1987, p.70)

O enigma do rosto está além do conhecimento e da nossa tentativa de organizar o mundo, de ordená-lo segundo normas e princípios racionais. A palavra que vem em resposta ao rosto do outro não pode ser entendida dentro de um modelo de conversação ou diálogo. A relação estabelecida pelo enigma vem antes da linguagem entendida como troca de signos. Dito de outro modo, a relação de fala com o outro não é o enfrentamento de duas figuras, mas o acesso ao outro em sua estranheza pela fala. Mas, para manter essa estranheza, é preciso a não reciprocidade e a não compreensão. Com o outro, troco uma palavra sem compreensão, mas que preciso responder. Esse diálogo é impossível e, justamente por isso, recebe o nome de “relação sem relação”.

Em *Totalidade e Infinito*, Lévinas analisa o abalo da totalidade através do enigma trazido pelo rosto do outro (o rosto define a ideia de Infinito) e da exterioridade. Ele descreve a relação ética demandada pelo rosto como o questionamento e a perturbação imposta ao egoísmo e ao isolamento do eu. A subjetividade como acolhimento de outrem, como acolhimento da ideia de

infinito que desorganiza o eu efetivam-se em *Outramente que ser (Autrement qu'être ou au-delà de l'essence)*, obra que trata da responsabilidade como a estrutura essencial, primeira e fundamental da subjetividade (Alford, 2004; Marques; Moriceau, 2019; Martino; Marques 2019). Pensada através de uma terminologia ética, nesta obra, a subjetividade organiza-se a partir da estrutura do para-outra antes mesmo de ser para-si, delineando, assim, o sentido da subjetividade para além do ser, no dizer e na resposta ao apelo trazido pelo rosto do outro. Lembrando que essa relação não se trava de maneira desencarnada: "As relações ontológicas não são, portanto, ligações desencarnadas. A relação entre Me e Si não é uma inofensiva reflexão do espírito sobre si mesmo. Diz respeito à materialidade do homem" (Lévinas, 1979, p. 37-38. Grifo nosso).

O dizer que acessa o outro em sua corporeidade estranha, discurso fundante, surge com a aparência do rosto e a desarticulação do self (existente) no encontro com o outro e a escuta de seu apelo. É importante salientar que o rosto apresenta um desafio singular ao ego, convidando ao encontro e à hospitalidade, ou seja, a um tipo de sociabilidade em que aprendemos a produzir relações que não sejam por meio de vínculos que se produzem via representação e redução avaliativa do outro ao mesmo (Derrida, 2004).

O FEMININO COMO ACOLHIMENTO DA ALTERIDADE

A forte presença midiática de Luiza Helena Trajano, seja em cerimônias para o recebimento de prêmios, em projetos ligados à proteção da mulher contra violência ou em espaços institucionais ligados à promoção de pequenos e médios empreendedores nos leva a refletir acerca das relações entre empoderamento da mulher e a construção do feminino na elaboração de uma responsabilidade ética demandada pelo rosto. Pautas ligadas à violência de gênero^[6] fazem parte da trajetória de empresárias bem sucedidas (ver discussão feita pelos autores acerca do ultraje à Graça Foster). Muitas vezes essa é uma questão que permanece velada, sob o véu de um feminismo "soft", que direciona a culpa do fracasso ou do sucesso para a própria mulher (que deve ser resiliente e super-humana). Atualmente a Magazine Luiza estimula um ativismo corporativo na defesa das mulheres através, por exemplo, do "Canal da Mulher", serviço que oferece ajuda às funcionárias vítimas de violência e recebe denúncias, além de oferecer assistência psicológica, orientação jurídica e auxílio financeiro às colaboradoras.

No caso aqui em tela, nos chamou a atenção o fato de o programa de Trainee ter contruído todo um processo (até então novo para a empresa) que investiu em formas mais hospitaleiras

de recebimento, tratamento e resposta às demandas de mulheres e homens negros em busca de emprego. O documentário “Legado” foi produzido a partir das histórias de vida e experiências situadas dos 19 trainees selecionados e nos fez refletir acerca das dimensões do feminino Lévinasiano acionadas pela empresa. Os depoimentos são montados a partir de um olhar que privilegia o empoderamento como sucesso alcançado pelos sujeitos a despeito de sua origem social, das dificuldades enfrentadas, dos preconceitos, do racismo e da exclusão. As histórias são individualmente contadas e narradas como uma sucessão de eventos e lutas que levaram a uma merecida recompensa. Mas, ao mesmo tempo, as imagens que compõem as montagens de cada história particular (vindas dos arquivos familiares dos trainees selecionados), exigem de nós uma apreensão de múltiplos elementos. Nosso olhar se desloca entre as várias imagens ofertadas permitindo a abertura de intervalos que deslocam o entendimento. É uma forma de organizar as histórias que abre hiatos para a hospitalidade, para um possível avizinhamento. Assim, o documentário convoca ao contato com outros registros, com fragmentos das vidas dos jovens selecionados, desenhando um rosto que nos convoca ao acolhimento, ao feminino.

A noção de feminino em Lévinas é ambígua e recebeu várias críticas ao longo do tempo. É preciso apontar que ele revisou essa noção diante dos questionamentos a ele endereçados, mas ainda assim temos que ter cautela com relação ao que, de fato, ele chama de feminino em suas obras. Ora ele associa o feminino à interioridade da morada, da habitação e da casa; ora ele aproxima o feminino do gesto ético de escuta e acolhimento ao chamado feito pelo enigma do rosto (Sandford, 2002). Em *Totalidade e Infinito*, por exemplo, vemos mais fortemente o desenho conceitual do lar como ambiente privilegiado de proteção da interioridade do ser. Nesse contexto da morada, a mulher aparece descrita como ser “silencioso”, que ampara o homem em suas desventuras. Contudo, ainda nessa mesma obra, Lévinas nos fornece elementos importantes para considerarmos uma outra acepção do feminino em seu pensamento: ele afirma que o feminino expressa as possibilidades de relação transcendente com a alteridade, ou seja, o feminino como dizer singular do rosto que demanda e oferece acolhimento e não como ser subalternizado por meio relações de opressão de gênero.

A figura do Feminino associada à morada (casa) é uma forma Lévinasiana de dizer da condição do sujeito ético que, em *Totalidade e Infinito*, é responsável por acolher Outrem em sua absoluta alteridade. Defender que Lévinas tenha assumido uma postura sexista significa ignorar o sentido dos termos mulher e feminino em seus escritos. A saber, eles só se compreendem se situados no face-a-face ético. [...] O autor situa o feminino para além da descrição sociológica focada na diferença de papéis determinados pela escala social em torno do masculino/feminino e chancelados pela cultura, pelo *ethos* ambiente cuja função seria a de normatizar os direitos/deveres dos sexos. [...] O filósofo pretende assim enfatizar que essa primeira aproximação do Feminino esboça o caráter eminentemente ético da vida social para *além* do Ser, na bondade inaugurada pelo outro (Ribeiro; Rial, 2019, p.192-193)

O enigma que o feminino impõe sobre a totalidade da interioridade fica mais claro na obra *De outro modo que ser* (2011), uma vez que aparece associado ao acolhimento à alteridade, reafirmando uma ética da proximidade, na qual o feminino encarna o gesto de responder à vulnerabilidade do rosto do outro.

O feminino, ainda que aproximado da noção ética de acolhimento, não pode ser separado da mulher concreta. Rodrigues (2011, 2013) ressalta que a leitura derridiana de Lévinas nos permite perceber como o feminino não pode ser confundido com a mulher ou com uma essencialidade da definição da mulher e de seus papéis sociais atribuídos. Sabemos que Lévinas afirma que falar de feminino não é falar da mulher empírica. Lévinas também afirma, em *Totalidade e Infinito* (1980, p.140), que a “ausência empírica do ser humano de sexo feminino em uma morada em nada altera a dimensão de feminidade que nela permanece aberta, como o próprio acolhimento da morada”. Contudo, são várias as afirmações presentes em suas obras que nos levam a notar que a “mulher empírica” não pode ser colocada em segundo plano. No próprio livro *Totalidade e Infinito*, encontramos uma metáfora espacial que faz o vínculo com uma das dimensões do “feminino” em Lévinas: a morada, a dimensão protegida do lar, do recolhimento do sujeito a si mesmo, e também do acolhimento e proteção, do cuidado:

E o Outro, cuja presença é discretamente uma ausência e a partir da qual se realiza o acolhimento hospitaleiro por excelência que descreve o campo da intimidade, é a Mulher. A mulher é a condição do recolhimento, da interioridade da Casa e da habitação (LÉVINAS, 1980, p. 138).

Nesse espaço do já familiar, da morada e da habitação, localiza-se a figura da mulher que é mãe, que cuida, acolhe, abraça e provê a segurança emocional e física. A mulher, aqui apresentada como condição da interioridade da casa e da habitação, é também associada à mãe, àquela que, em gesto de renúncia e despossessão, oferece sua atenção ao outro, obliterando-se no silêncio. Tal silenciamento da mulher no âmbito doméstico também é alvo de críticas ao pensamento do feminino em Lévinas. Menezes (2008, p.26) mostra como Lévinas descreve a mulher como “presença e ausência, linguagem sem ensinamento, por isso silenciosa, presença sempre discreta, segredo, mistério.” Ao afirmar que “a casa é a mulher”, Lévinas indica, segundo Rodrigues (2011, p.373), “que é a mulher quem torna a vida pública do homem possível, recuperando a tradição judaica segundo a qual a mulher é responsável pela vida espiritual, pela paz doméstica e por tudo aquilo que dá suporte ao homem”. Tal reflexão nos conduz, de fato, ao entendimento de que Lévinas valoriza as habilidades das mulheres na cultura judaica, mas define os limites de sua atuação fora da vida pública.

No livro *Difícil Libertad: ensayos sobre el judaísmo*, Lévinas afirma que “presença discreta das mães, esposas e filhas em seus passos silenciosos nas profundezas e densidade do real,

desenhando a própria dimensão da interioridade e tornando o mundo habitável” (p.55). É controversa essa reiteração do silenciamento das mulheres no âmbito do lar. Ainda que, segundo Chalier (1992, p. 167) a presença da mulher nos escritos de Lévinas, quando se faz silenciosa, seja um exemplo prático da astúcia feminina na arte literária da Bíblia – na qual a expressividade da mulher é alcançada com a economia das palavras, que ensinaria mais do que a profusão de ações das personagens masculinas – é impossível não considerar as assimetrias e desigualdades despertadas por tal definição.

De um lado, Chalier (1992), Venâncio (2017) e Denis (1985) argumentam que a doação silenciosa, o “ser para o outro”, no caso da figura da mãe acionada por Lévinas, não se confunde com a submissão feminina. Pelo contrário, para elas, o gesto da generosidade livre e autônoma de uma matriarca revelaria como sua feminilidade estaria mais próxima da autoridade e não da submissão. Do mesmo modo, Ribeiro (2015, p.58) afirma:

A figura feminina que de imediato aparece em um papel secundário em um mundo masculinizado é referida como a protagonista que eleva tanto o mundo quanto o homem ao status de humanidade. O feminino, portanto, vem se apresentar como suavidade e abertura para acolher o homem, tornando o mundo mais habitável.

Rodrigues (2011) retoma, de outro lado, a crítica feita por Simone de Beauvoir a Lévinas em *O segundo sexo*, uma vez que, a seu ver, ele destinava à mulher um lugar de subalternidade e inferioridade em relação ao homem. Para Beauvoir, a afirmação de que a mulher é mistério, faz com que ela se constitua como mistério para o homem, submetendo-se à ele e à sua avaliação e jugo, reiterando a supremacia machista. Nas palavras de Rodrigues (2011, p.381), Beauvoir “tomou Lévinas como exemplo de desvalorização das mulheres no contexto de um pensamento que afirmava o sujeito como o masculino, e secundarizava o outro como feminino”.

Como vimos, Rodrigues (2013) prefere investir na abordagem derridiana da noção de feminino em Lévinas, ressaltando-a para além da mulher, como abertura ética, incondicional e responsável ao rosto do outro. Entretanto, a autora não deixa de se questionar a respeito do seguinte impasse: se a mulher é diferente do homem (e não inferior a ele), como valorizar a especificidade feminina e, ao mesmo tempo, questionar argumentos essencialistas tradicionalmente evocados para definir o lugar da mulher como subordinado? Para ela, a contribuição de Lévinas se encontra no modo como ele define a relação erótica: não como o encontro entre homem e mulher como fusão entre duas metades que se completam, mas como contato, proximidade e oportunidade de “sair de si e ir além”. Nessa visão do feminino, “o sujeito encontra-se como o si de outro e não apenas como o si de si mesmo” (Lévinas, 1980, p.249).

O EROS EM AGONIA NO CENÁRIO DA NECROBIOPOLÍTICA

Vimos até aqui que o enigma do rosto nos apresenta uma forma de ver o outro em sua singular alteridade, ou seja, ele não é reconhecido, conhecido, mas respondido, por uma fala que é uma resposta. Ver o outro é responder a ele. Desse modo, o discurso estruturado como uma resposta é a modalidade de reconhecimento que reconhece a alteridade irreduzível (Lévinas, 1980, 1999, 2007). O enigma do rosto produz então um apelo que me demanda uma contestação, que me sanciona. Há nesse enigma a proposição de uma relação erótica na qual somos interpelados e lançados para fora de nossa interioridade.

No documentário “Legado” temos uma pista para pensar acerca da possibilidade de investir em relações eróticas mediadas por imagens e por relatos de si que questionam imagens de controle e um tipo de violência imposta pela ausência de distância entre o que é mostrado na imagem e o julgamento elaborado pelo olhar. A imagem pode abrir espaços e tempos outros para nos permitir uma zona de indeterminação avaliativa e de aproximação da alteridade que não seja marcada somente pela atuação de dispositivos de controle. Um tempo liminar, intervalar, que crie condições para a intercorporeidade da proximidade, do tato, do cuidado, da carícia. Pela mediação das imagens, pode ser possível ativar o eros que vai interromper a auto-suficiência e o individualismo narcísico.

Assim, para Lévinas, o eros diz de uma interrupção da tendência que o indivíduo tem de voltar-se para a interioridade, para a captura do outro via utilização de representações e conceitos, para a autoridade do Dito. Tal interrupção, que nos coloca diante do outro e nos solicita a criação de uma forma de responsabilidade hospitaleira, pode ser realizada de diferentes maneiras.

Na ética do eros, o corpo é um evento e se estende para além da expressão da interioridade e dos limites da pele: o corpo, como evento relacional, estabelece uma situação que redefine as temporalidades da experiência de si e do outro (Ribeiro, 2019; Bernardo, 2011). O eros refere-se a uma interrupção da tendência que o indivíduo tem de voltar-se para a interioridade (narcisismo), para a captura do outro via utilização de representações e conceitos. Assim, o jogo erótico retoma o enigma que perturba o ser pela proximidade; recusa a transparência e “possibilita uma experiência do outro em sua alteridade, resgatando-nos de nosso inferno narcisista” (Han, 2017, p.11). A relação erótica, “que arranca o sujeito de si mesmo e direciona-o para o outro” (Han, 2017, p.10), requer uma tessitura simultânea da singularidade com a pluralidade; e demanda uma maneira de escapar à simetria, à hierarquia e à ordenação racional dos seres e do mundo. E requer, sobretudo, um movimento do eu na direção do outro a ser obtido em uma forma de interação na qual a reciprocidade, a indeterminação, o contingente e o inesperado sejam mais fortes do que a transparência.

A relação erótica diz respeito ao modo como nosso encontro com o outro não pode ser reduzido a um exercício de comparação e aproximação ao "eu". A redução do outro ao eu, tornando um transparente ao outro, não é um exercício de alteridade, mas uma hipertrofia do ego, um egoísmo que se opõe, como barreira, ao enigma da alteridade. Tal experiência, marcada pela assimetria pela exterioridade do Outro, nos coloca diante de um enigma para o qual não há resposta prévia.

A alteridade não é uma diferença consumível. O capitalismo vai eliminando por toda parte a alteridade a fim de submeter tudo ao consumo. Além do mais, o eros é uma relação assimétrica com o outro. Assim, ele interrompe a relação de troca. Sobre a alteridade não é possível estabelecer um registro de controladoria. O eros não entra no balanço de débitos e créditos (Han, 2017, p.35).

O contato com o feminino está ligado à temporalidade do eros, para o qual o corpo não é abstrato, mas se revela na concretude do corpo do outro. A temporalidade estabelecida pelo feminino está relacionada ao enigma da alteridade: esse enigma envolve alguns gestos ético-políticos específicos: abertura ao outro, desapropriação ou desposseção de si e elaboração de uma resposta à demanda feita pelo rosto. Esse corpo é, historicamente, eivado de formas de dominação que desafiam sua elaboração, dando origem, por exemplo, a toda uma recursividade de elementos simbólicos voltados exatamente para o apagamento de marcas do tempo. Quando tangencial ao poder simbólico, o corpo se apresenta como elemento patente de fuga do outro, tornando-se espaço de exibição de uma estética não apenas padronizada, mas também voltada para o consumo rápido – no lugar da identificação, a atomização voltada para uma competitividade embalada na proximidade com as esferas mais prestigiadas desse consumo.

A violência simbólica, como apontamos, gera efeitos de dominação. Essa dominação se traduz empiricamente em um conjunto de gestos de submissão e obediência. No entanto, diferentemente da violência física que produz obediência efêmera, a violência simbólica gera efeitos duradouros. A obediência resultante não é encoberta ou traiçoeira, mas sim sincera e tenaz, pois está inserida nas estruturas cognitivas do indivíduo (LANDRY, 2006, p. 88)

Aqui se observa, com força, um dos movimentos relativamente comuns aos sistemas classificatórios do mundo social: a literalização da relação com o outro e consigo mesmo, mediada não pelas possibilidades éticas do encontro, mas com as variáveis meramente econômicas do consumo. O resultado é uma ausência de distinção entre o corpo enquanto discurso produzido e produtor e o corpo empírico que, em sua visualidade mais fácil e mais simples, tende a se apresentar como elemento de apreensão imediata. Dessa maneira, a visibilidade de um corpo pode representar tanto sua presentificação como espaço de acolhida de corpos semelhantes quanto apropriação de um discurso pela lógica econômica, que o envia de volta ao circuito de consumo pela via da literalização.

Para Fernanda Bernardo (2011), o feminino é ética e aceitação de que o cuidado do outro se impõe ao cuidado de si. O outro está sempre se aproximando, sem nunca chegar de fato, ele estabelece conosco “uma relação sem relação”, como vimos, uma relação entre dois separados, protegendo a qualidade de diferir, de adiar e de prolongar o contato. O eros atua nessa temporalização dos encontros e no adiamento de toda possibilidade de apreensão.

Dito de outro modo, e na interface entre Derrida e Lévinas, a ética de eros atua preservando a separação, mas alimentando um processo constante de diferenciação na infinita vinda do rosto do outro em nossa direção. É como um jogo de retorno constante e permanente devir em que a identidade fixa é substituída pelos efeitos de um processo contínuo de deslocamento. Um enigma que se apresenta a nós sem demandar solução, apenas a preservação de um movimento constante que revele tanto as diferenças, quanto as possibilidades de contato que atuem não para ver no outro traços do idêntico, não para transformá-lo no mesmo, mas para amplificar a potência da diferenciação.

A relação de eros evoca novas formas de vida para além das regras institucionalizadas, permitindo a construção de um comum pautado por um processo de comunicação cujo desafio é preservar a diversidade, alterando condições desiguais de vulnerabilidade, para privilegiar a indeterminação, a imprevisibilidade da ação que é, ao mesmo tempo, hospitaleira e antagonística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a comunicação em Lévinas implica levar em consideração três dimensões que nos parecem centrais: a) a construção de uma relação comunicativa que resulta do contato, da escuta, da *abertura* àquele que chega e que não pode ser assimilado pela capacidade racional de julgar; b) a forma de *aproximação* e contato com o interlocutor, com a alteridade, que se apresenta a nós pela via de uma mediação (voz, corpo, palavra, imagem...), mas que não pode ser compreendida pela via da representação, da nomeação tipificadora; c) a forma de interlocução com essa alteridade: a necessidade de construir um vínculo de responsabilidade ética que se concretiza através do *acolhimento* e da elaboração de uma resposta ao outro que me interpela por meio de seu rosto.

O outro já está em mim, mais perto de mim do que sou para mim mesmo, mas o outro não sou eu: o outro é minha graça salvadora, uma presença estrangeira que me permite me abrir para o mundo, um corpo estranho, estrangeiro, que se fixa entre mim e meu ego, e assim

permite-me escapar da minha interioridade narcisista, dedicando-me ao outro que reside no mesmo (Sandford, 2002; Ribeiro, 2015). O rosto do outro me interpela, me desposui e me exige responsabilidade. Ao mesmo tempo, a resposta que elaboramos à demanda do rosto nos singulariza: atualiza o espanto, a perturbação causada por seu aparecimento, nos conecta com a crueldade e injustiça do mundo. A simples passagem do tempo é substituída por momentos de espera/expectativa, de acolhimento e de tensão, de escuta e de ação.

O processo de responsabilização ética tematizado por Luiza Trajano nas entrevistas concedidas pela empresária acerca do programa de Trainee para pessoas negras nos revela como ela busca responder a um apelo, quando se mostra à escuta de demandas que desafiam esquemas normativos de inteligibilidade e de formas de atuação de um poder normativo. Butler (2004) ressalta que o Dizer do rosto só pode ser escutado se expresso nas circunstâncias concretas nas quais vivemos, em um ambiente/situação dotado de sentido histórico, temporal e geográfico, em cenas de violência que impregnam a vida cotidiana.

As práticas delineadas pela Magazine Luíza conferem visibilidade a tensionamentos ligados à quais pessoas podem ou não ganhar destaque pela via do trabalho. Há uma guerra delineada nesse esforço de tornar certas vidas ininteligíveis: organizações apostam na valorização de capacidades e em um tipo de empoderamento que muitas vezes não leva à emancipação ou ao reconhecimento. Como afirma Butler (2004), o que impede o reconhecimento da humanidade de vidas consideradas “precárias” é o enraizamento de padrões normativos de julgamento, de valores que depreciam, ofendem, causam danos profundos à pluralidade de formas de vida tecidas e retecidas cotidianamente nas experiências singulares de grupos de indivíduos.

A responsabilidade ética perante uma multiplicidade de outros é constantemente atravessada pela atuação de uma biopolítica que protege privilégios e não se ocupa com transformações radicais. Quando Luiza Trajano explicita sua vulnerabilidade, reconhecendo a importância de sua empresa construir dinâmicas, espacialidades e temporalidades mais hospitaleiras à chegada de pessoas negras no mercado de trabalho, ela alimenta uma política de não-violência que se opõe à biopolítica. Ela produz uma operação que pode potencialmente valorizar um imaginário político, mas isso se o programa de Trainee cumprir o propósito de ser algo além do aumento numérico de pessoas negras na liderança, trazendo “mais diversidade, criatividade e lucratividade”^[7].

Se, por um lado, o gesto ético da Magazine Luiza valoriza a emergência do eros feminino como acolhimento e hospitalidade, por outro lado a “dívida impagável” enunciada por Denise Ferreira da Silva (2014) permanece mostrando a perversidade da lógica da violência colonial; a expropriação (monetária e simbólica) dos corpos e a confiscação dos saberes e experiências. A autora nos ajuda a pensar como narrativas únicas e invariáveis ligadas ao mérito e à ampliação de oportunidades produzem cenas e contextos que servem para reafirmar e justificar como os corpos

de pessoas negras, os territórios que habitam e a vida que “escolhem” viver já estão envolvidos em condenações morais violentas. Para ela, o poder regulador do Estado e das instituições sociais e midiáticas controla os significados que podem ser atribuídos às suas existências e fazeres. Assim, as organizações, a justiça e a sociedade ainda falham em produzir transformações profundas que levem ao fim do mundo no qual a violência racial faz sentido. Até que elas ocorram de fato, práticas de responsabilidade ética podem, sem dúvida, nos convocar a questionar a inospitalidade, o silenciamento do rosto e a extrema agonia imposta ao eros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALFORD, C. Lévinas and Political Theory. *Political Theory*, v.32, n.2, 2004, p.146-171.
- BENTO, Berenice. Necrobiopoder: Quem pode habitar o Estado-nação? *Cadernos Pagu* (UNICAMP), v. 1, p. 1-16, 2018.
- BUTLER, Judith. *Prekarious Life: The Powers of Mourning and Violence*. New York: Verso, 2004.
- BUTLER, Judith. *Quadros de Guerra. Quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- BUTLER, Judith. *Caminhos Divergentes*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- CAILLER, Bernadette. Totality and Infinity, Alterity, and Relation From Lévinas to Glissant. *Journal of French and Francophone Philosophy - Revue de la philosophie française et de langue française*, Vol XIX, No 1 (2011) pp 135-151.
- CARRARA, Ozanan. Lévinas: do sujeito ético a sujeito político. São Paulo: Ideias & Letras, 2010.
- CHALIER, Catherine. As matriarcas: Sara, Rebeca, Raquel e Lia. Prefácio: Emmanuel Lévinas. Petrópolis: Vozes, 1992.
- DENIS, Marie. Catherine Chaliier, Les Matriarches, Sarah, Rebecca, Rachel et Léa, éd. du Cerf, 1985. In: *Les Cahiers du GRIF*, n°32, 1985. l'indépendance amoureuse. pp. 152-153.
- DERRIDA, J. “Hospitality”, *Angelaki*, v.5, n.3, 2000, p.3-18.
- DERRIDA, J. *Adeus a Emmanuel Lévinas*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- DERRIDA, J. “The principle of hospitality”. *Parallax*, v.11, n.1, 2005, p.6-9.
- DUBOST, Matthieu. «Féminin et phénoménalité selon Emmanuel Lévinas». *Les Études Philosophiques*, v. 3, n. 78, p. 317-334. 2006.

HAN, Byung-Chul. *Agonia do eros*. Petrópolis: Vozes, 2017.

LÉVINAS, Emmanuel. *Alterity and transcendence*. New York: Columbia University Press, 1999.

LÉVINAS, Emmanuel. *Humanismo do outro Homem*. Petrópolis: Vozes, 1993.

LÉVINAS, Emmanuel. *Ética e infinito*. Lisboa: Edições 70, 2007.

LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 1980.

LÉVINAS, Emmanuel. *De outro modo que ser ou para lá da essência*. Trad.: José Luiz Pérez e Lavínia Leal Pereira. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.

LÉVINAS, E. Phenomenon and Enigma. In: *Collected Philosophical Papers*. Trad. Alphonso Lingis. Dordrecht: Martinus Nijhoff, 1987, p.61-74.

LÉVINAS, E. “Deux dialogues avec Emmanuel Lévinas ». IN : PONZIO, Augusto. *Sujet et altérité sur Emmanuel Lévinas*. Paris : L'Harmattan, 1996, p.143-151.

LÉVINAS, E. *Quatro leituras talmúdicas*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

MARQUES, A. C. S.; MARTINO, L. M. S. Entre a justiça e a singularidade do existente: Sobrevivências do rosto no encontro entre ética e política. In: RIAL, Gregory (org).. (Org). *Aproximações: o pensamento de Emmanuel Lévinas em diálogo*. 1ed.Porto Alegre: Fi, 2018, v. 1, p. 103-120.

MARQUES, Ângela; MARTINO, L.M.S.; CHARDEL, P.A. Les temporalités communicatives dans la rencontre éthique avec autrui: accueil, écoute et réponse chez Lévinas. *REVISTA CONTRACAMPO*, v. 38, p. 1-13, 2019.

MARQUES, Ângela; SOUZA, Frederico. Politics and aesthetics in rancièrre and lévinas: scene of dissensus, face and constitution of the political subject. *KRITERION*, v. 59, p. 7-33, 2018a.

MARQUES, Ângela.; SOUZA, Frederico. À escuta do rosto nas imagens: aproximações entre Lévinas, Butler e Didi-Huberman. In: Nilo Ribeiro Júnior; Diogo Villas Bôas de Aguiar; Gregory Rial; Felipe Rodolfo de Carvalho (orgs.). (Org). *Amor e Justiça em Lévinas*. 1ed.São Paulo: Perspectiva, 2018b, v. 1, p. 99-114.

MARQUES, Ângela; MORICEAU, Jean-Luc. lévinas, une éthique de la communication que accueille le vulnérable. In: Felipe Rodolfo de Carvalho, Fernando Genaro Junior; Marina Araújo Teixeira. (Org). *Ética, direitos humanos e pós-humanismo*. 1ed.Belo Horizonte: Cebel/Dom Helder, 2019, v. 2, p. 188-199.

MARTINO. L.M.S. ; MARQUES, Ângela. Acolhimento, consideração e hospitalidade na experiência do estrangeiro: potências do feminino. In: Gregory Rial; Luciene dos Santos. (Org). *Linguagem, feminino e literatura*. 1ed.Belo Horizonte: Cebel/Dom Helder, 2019a, v. 3, p. 71-85.

MARTINO, L.M.S.; MARQUES, Ângela. A comunicação como ética da alteridade: pensando o conceito com Lévinas. INTERCOM (SÃO PAULO. ONLINE), v. 42, p. 21-40, 2019b.

MENEZES, Magali Mendes de. O pensamento de Emmanuel Lévinas: uma filosofia aberta ao feminino. Estudos Feministas, v.16, n.1, 2008, p.13-33.

RAE, Gavin. The political significance of the Face: Deleuze's Critique of Lévinas. Critical Horizons, v.17, n.3-4, 2016, p.279-303.

RIBEIRO, N.; RIAL, G. Rastros do feminino. In: Gregory Rial; Luciene dos Santos. (Org.). Linguagem, feminino e literatura. 1ed.Belo Horizonte: Cebel/Dom Helder, 2019, v. 3, p.189-203.

RIBEIRO, Nilo. Dialogia, alteridade e linguagem do páthos. *Sapere aude* – Belo Horizonte, v. 10 – n. 20, p. 484-503, Jul./Dez. 2019 – ISSN: 2177-6342.

RIBEIRO, N. Pensar o corpo outramente. Sabedoria da carne e Justiça social. In: Edvaldo Antonio de Melo/ Cristiane Pieterzack. (Org.). POra uma Filosofia da Encarnação. O Dizer do corpo. 1ed.Porto Alegre: Editora Fi, 2021, v. 1, p. 109-147.

RIBEIRO, Luciane. *A Subjetividade e o Outro: ética da responsabilidade em Emmanuel Lévinas*. 1. ed. São Paulo: Ideias&Letras, 2015.

RODRIGUES, C. *Duas palavras para o feminino: hospitalidade e responsabilidade*. Rio de Janeiro: Nau Editora, Faperj, 2013.

RODRIGUES, C. A costela de Adão: diferenças sexuais a partir de Lévinas. *Estudos Feministas*, v.19, n.2, p. 371-387, 2011.

SANDFORD, Stella. Lévinas, feminism and the feminine. In: CRITCHLEY, Simon; BERNASCONI, Robert (eds.). *The Cambridge Companion to Lévinas*. London: Cambridge University Press, 2002, p.139-160.

SANTANA, Maria. A mulher em sua subjetividade no pensamento Lévinasiano. *Último Andar*, v.15, Dezembro de 2006, p.59-65.

SILVA, Denise Ferreira da. Ninguém: direito, racialidade e violência. *Meritum*, v. 9, n. 1, 2014, p. 67-117.

VENÂNCIO, Mariana. Inclina teu cântaro para que eu beba: o feminino pelos olhos da autora javista do pentateuco. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X, p.1-12.

VIEIRA, F.; MARQUES, A. C. S. “Rosto e cena de dissenso: aspectos éticos, estéticos e comunicacionais de constituição do sujeito político”. *Questões Transversais*, v. 4, p. 17-27, 2016.

VIEIRA, Patrícia. A linguagem do feminismo ante o rosto do outro. In: Gregory Rial; Luciene dos Santos. (Org.). Linguagem, feminino e literatura. 1ed.Belo Horizonte: Cebel/Dom Helder, 2019, v. 3, p.36-46.

Jornais e sites consultados:

DINIZ, Ana. Luiza Trajano sobre programa de trainee para negros: ‘as 72 horas da maior paulada que eu já tomei na vida’. 25/03/23. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/miriam-leitao/post/2023/05/luiza-trajano-sobre-programa-de-trainee-para-negros-as-72-horas-da-maior-paulada-que-eu-ja-tomei-na-vida.ghtml>.

ESSENFELDER, Renato. Como Magalu chacoalhou os processos de seleção no país com seu programa de trainees e ampliou a presença de negros na liderança. 08/02/2022. Disponível em: <https://netzero.projetodraft.com/como-magalu-chacoalhou-os-processos-de-selecao-com-inclusao/>.

VIECELI, Leonardo. Luiza Trajano lembra programa do Magalu para negros: ‘A maior paulada que já tomei’. 24/05/23. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/luiza-trajano-lembra-programa-do-magalu-para-negros-a-maior-paulada-que-ja-tomei/>.

LEGADO: O Programa de Trainee Magalu exclusivo para negros (pretos e pardos). 21/09/21. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_Z0ovbveEkI&t=4s.

Luiza Helena Trajano fala sobre importância do trainee para negros. Band Jornalismo. 27/06/2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z0DeJdDOPd8>.

Revista Ética e Filosofia Política v. 1 n. 25 (2022): Lévinas - Sabedoria para o Amanhã. <https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia/issue/view/1678>.

-
- [1] A realização deste artigo contou com o apoio do CNPq e da Fapemig.
- [2] No debate com as entrevistadoras do Roda Viva, Luiza Trajano oferece mais detalhes acerca do funcionamento do processo seletivo para trainees. Uma empresa terceirizada é responsável por receber os currículos e dossiês enviados de todo o Brasil. Mas funcionários negros da Magalu acompanham o processo e interferem em sua condução. Os candidatos não precisam atestar domínio do inglês, por exemplo, mas devem procurar obter certificação ao longo dos seis primeiros meses do treinamento. O processo seletivo contou com teste de valor, entrevista sobre experiência de vida e dinâmica por vídeo.
- [3] Luiza Helena Trajano, presidente do conselho de administração do Magazine Luiza, contou que “Há uns três ou quatro anos eu reservo três vagas a mais no nosso programa de trainee só para negros. Mas nunca conseguimos [preenchê-las]. Eles não se inscreviam. O processo seletivo não ia de acordo e a gente entendeu que as pessoas vão entrar juridicamente, mas a gente vai lutar e não vamos desistir tão fácil”. <https://claudia.abril.com.br/carreira/magalu-trainee-negros/>
- [4] Eduardo Migliano, da 99jobs, empresa co-realizadora do programa de Trainee, as reclamações só apareceram por conta do salário que será oferecido de 6.600 reais e do nível do cargo. “Se o programa fosse para recrutar profissionais da limpeza, eles não se sentiriam incomodados. Reparação social mexe com privilégios. Não dá para pensar que isso é ruim porque não vai beneficiar diretamente uma pessoa ou à família dela, é preciso entender que ações como essa servem para mudar o coletivo”, aponta. <https://claudia.abril.com.br/carreira/magalu-trainee-negros/>
- [5] Ver em: Luiza Helena Trajano fala sobre importância do trainee para negros. Band Jornalismo. 27/06/2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z0DeJdDOPd8>
- [6] Em 2017 ocorreu o feminicídio de uma colaboradora da Magalu, assassinada pelo próprio marido. O fato comoveu toda a companhia e chamou a atenção para a necessidade de o grupo, que possui milhares de funcionárias mulheres, envolver-se mais profundamente na questão da violência de gênero.
- [7] Ver: ESSENFELDER, Renato. Como Magalu chacoalhou os processos de seleção no país com seu programa de trainees e ampliou a presença de negros na liderança. 08/02/2022.